BOLETIM

Ano 2 | Edição 7 | Maio de 2021

OBSERVA COVID
Análise de Modelos e Estratégias de Vigilância em Saúde da Pandemia da COVID-19 (2020-2022)

FAKE NEWS NA PANDEMIA DE COVID-19: RESPOSTAS GOVERNAMENTAIS

A crise sanitária e a crise de desinformação estão intimamente correlacionadas como problemas a serem enfrentados por diversos países a partir da pandemia de COVID-19. No âmbito da crise de desinformação, a produção, circulação e consumo das *fake news* foram tratados com semelhanças e diferenças entre autoridades públicas nos vários continentes, conforme contextos de cada país. Por isso, este boletim apresenta uma síntese dos resultados preliminares do estudo sobre as respostas governamentais para o enfrentamento dessa crise que acompanha a pandemia de COVID-19. Esta investigação é realizada no âmbito do subprojeto "Comunicação e Saúde", que integra o projeto "Análise de modelos e estratégias de Vigilância em Saúde da pandemia do COVID-19 (2020-2022)".

A partir da revisão inicial da literatura, os pesquisadores observaram algumas especificidades quanto aos conceitos que estão sendo construídos e debatidos na literatura internacional. A compreensão das experiências de gestão da crise de desinformação, catalisada pela profusão de *fake news*, requer maior precisão conceitual para este objeto e a sua vinculação a uma categoria mais ampla, que é a de desinformação.

Desinformação, enquanto desordem informacional (SPINELLI e RAMOS, 2019), está conceitualmente relacionada à "*Misinformation*", isto é, a produção, circulação e consumo de "dados imprecisos/errados" quando quem participa desse fluxo informacional não tem intenção de causar danos a outros atores com quem estabelecem uma interação por processos de comunicação; a variação semântica "*Mal-information*" acontece quando fatos da vida privada de um ou mais atores sociais são levados a público para lhes causar danos; e há "*Misunderstanding*", que é uma comunicação truncada, mal compreendida (MARINONI E GALASSI, 2020; SPINELLI e RAMOS, 2019).

Contudo, as *fake news* têm suas peculiaridades em relação às outras espécies semânticas que remetem ao gênero "desinformação". A literatura científica tem apontado para o fato de as *fake news* serem produto de um fenômeno social e cultural atualmente chamado de "pós-verdade". Se configura como uma crise dos processos de validação de "verdades" entre sujeitos e instituições em relação aos referenciais de sentidos e às decisões a serem pactuadas coletivamente numa sociedade: os sujeitos passam a não confiar nas instituições pelas ações que estas desempenham, a não ser que as deliberações dessas instituições sejam convenientes às suas crenças, valores, expectativas, desejos e experiências individuais (ALZAMORA e BICALHO, 2019; DUNKER, 2017; HARSIN, 2018; RÊGO e BARBOSA, 2020; SACRAMENTO e SOARES, 2020).

As *fake news* são mentiras produzidas com aparência de verdade. A princípio, simulam o produto central do Jornalismo, que são as notícias – daí a terminologia "news", traduzida da língua inglesa, que significa "notícia" ou "notícias". O desenvolvimento, como também, os usos e apropriações das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), potencializados com o surgimento e expansão da internet, apresentam duas faces da mesma moeda: assim como a hiperconectividade proporciona um maior acesso dos diversos atores humanos à produção,

distribuição e consumo de informações, quando essas informações são falsas, como as *fake news*, estes mesmos atores passam a "acreditar" parcialmente em informações que lhes convém. Conforma-se, assim, a relação intrínseca entre *fake news* e pós-verdade, apontada por alguns autores (BAPTISTA, 2019; SILVEIRA, 2020; MARTINS, 2020).

Fake news também decorrem dos processos de mercantilização das notícias e sua vinculação à publicidade (AMARAL e SANTOS, 2019). Se antes as notícias eram produzidas sob a perspectiva de uma ética que considerava o jornalismo "guardião da verdade", assegurada principalmente em regimes democráticos, quando empresas e várias organizações da sociedade civil passam a desenvolver processos e práticas de comunicação para publicizar seus produtos e ações mercadológicas e institucionais, muitas delas acabam elaborando e impulsionando mensagens publicitárias que simulam notícias. A gestão e uso do Marketing Digital tornam a pulverização de *fake news* um processo "viral" (termo da cibercultura que pode denotar "espalhamento massificado" e "multidirecional"), dotado de grande valor econômico para empresas de tecnologias da informação e comunicação. Quando as práticas e processos de comunicação estão centralmente vinculados ao consumo de produtos, a informação pode adquirir maior valor mercadológico do que ético-político de verdade, configurando-se a desinformação como uma indústria (AMARAL e SANTOS, 2019). Nessas condições, as *fake news* afetam as relações entre sujeitos e instituições pactuadas por deliberações públicas.

Em 2020, quando o mundo protagoniza a maior crise sanitária das últimas décadas, não apenas a pandemia de COVID-19 se torna uma grande demanda para governos de países em todo o planeta, mas também a crise informacional, marcada pela profusão de *fake news*, ganha alguma prioridade nas ações governamentais, para que se possa frear esse fenômeno sócio-simbólico que, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), se tornou "infodemia". Assim, em meio à crise provocada pela pandemia, o Brasil e diversos países enfrentam também a "desinfodemia", termo utilizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para definir "desinformação básica sobre a doença de COVID-19" (POSETTI e BONTCHEVA, 2020).

Respostas governamentais para a crise de desinformação evidenciadas na literatura internacional

A revisão da literatura internacional, em quatro bases bibliográficas, revelou um conjunto de 15 artigos produzidos e publicados no ano de 2020, abrangendo respostas à crise de desinformação por parte de países da Ásia, Europa e América Latina, apresentadas a seguir. O olhar para as narrativas dos pesquisadores busca extrair lições para a experiência brasileira, em cada continente.

Ásia

Esse continente viveu a deflagração imediata de uma epidemia na cidade de Wuhan, na China, no final do ano de 2019, até que se constatou que a disseminação e morte pelo novo Coronavírus configurava-se, desde então, como pandemia, no início de 2020. Foram analisadas experiências nos seguintes países: China, Índia, Malásia e Vietnã. A criminalização da participação de organizações e pessoas na cadeia de produção, distribuição e/ou consumo de *fake news* sinalizam o posicionamento rigoroso desses países. Mas, também, verificam-se ações governamentais das autoridades em tornar públicas informações necessárias para que as populações colaborassem no intuito de evitar maior disseminação do novo Coronavírus. Nessa linha, a centralidade dos Estados é mantida como um traço político já vigente antes mesmo da ocorrência da pandemia – sobretudo, na China, onde o controle dos meios de comunicação de massa e de internet é fortemente realizado pelo governo.

Destaca-se ainda a aplicação da Lei de gestão de desastre, na Índia, para bloquear, por três semanas, a internet no país, a fim de conter o pânico. O governo indiano continuou sua estratégia de fechar a internet em partes do país, de modo a conter a circulação de informações incorretas e mensagens de ódio. Além disso, a Índia contratou uma grande empresa de telecomunicações para criar o *chatbot* (robôs) '*MygovCorona*', no Whatsapp, para veicular informações do Ministério da Saúde sobre o novo Coronavírus.

Europa

A literatura publicada sobre as respostas de países europeus para o enfrentamento da crise de desinformação que acompanha a pandemia de COVID-19 apresentou uma peculiaridade em relação aos outros continentes: esteve mais focada em descrever a desinformação, os atores e, principalmente, as respostas dos cidadãos a esse fenômeno do que em se debruçar sobre possíveis estratégias de governos para gerir a crise informacional catalisada na crise sanitária decorrente da pandemia de COVID-19. Ainda assim, o aprofundamento conceitual representa um avanço dos pesquisadores nas tentativas de dar maior precisão na caracterização teórica do fenômeno. O contexto da Espanha é o mais explorado – um deles, inclusive, fazendo uma comparação do perfil de lideranças governamentais deste país ao quadro da Itália. Apenas um artigo apresenta, sucintamente, denúncias envolvendo supostas tentativas da Rússia em fragilizar a Ucrânia na gestão da crise sanitária e informacional, para tentar manter um controle neste país – um antigo conflito originado desde a Guerra Fria, mas, ainda em curso.

América Latina

As experiências na América Latina são avaliadas pela literatura a partir de quatro países: Brasil, Equador, Peru e República Dominicana. No Peru, a prisão como sentença a quem participasse da cadeia de *fake news* foi considerada a primeira iniciativa mais enérgica. O alto índice de analfabetismo está associado ao caos desinformacional no Peru, onde destacaram a inclusão de medidas educativas e preventivas de saúde nos currículos do ensino fundamental e médio. Na República Dominicana, as relações entre crise eleitoral e crise sanitária tinham como ponto de convergência a crise de desinformação em torno da pandemia de COVID-19, agravando a desconfiança dos cidadãos aos órgãos do poder público. Neste país, o governo central adotou medidas de publicização sobre a pandemia e cuidados de saúde em veículos de comunicação de massa e na internet. No Equador, o uso de redes sociais na internet, principalmente o Twitter, foi o principal responsável pelo espalhamento de *fake news* em meio à pandemia; em resposta, o governo também utilizou o Twitter para combater a desinformação no país. No Brasil, o tema "*fake news*" já era estudado desde a eleição de 2018 e autores sinalizam que a falta de diretrizes para a população sobre como reagir ou no que acreditar permitiu a disseminação de notícias falsas. O descrédito às instituições científicas e governamentais e a ascensão de grupos religiosos e movimentos de extrema-direita são apontados por um dos artigos como impulsionadores do caos de desinformação agravado na pandemia.

Contudo, alguns estudos também apresentam medidas tomadas no Brasil para conter a desordem informacional, tais como a atuação das agências de verificação para investigar denúncias e reduzir o alcance de páginas; criação de *chatbot* (Robô Fátima - @fatimabt) para checagem de notícias; atuação de redes sociais como Google e Twitter para rastreamento de links de notícias falsas ou distorcidas e a retirada da rede social de 196 páginas e 87 perfis que violavam as políticas de autenticidade da rede social, algumas ligadas ao Movimento Brasil Livre (MBL) (SPINELLI e RAMOS, 2019).

Quadro 1: Síntese das evidências produzidas na literatura internacional

EVIDÊNCIAS	ÁSIA	EUROPA	AMÉRICA LATINA
Dispositivos legais: já possuíam tais dispositivos para regular e censurar notícias falsas na internet	China, Vietnã, Malásia		
Criação e utilização de aplicativo para comunicação direta entre o cidadão e órgãos oficiais para gerenciamento da pandemia	Vietnã, Malásia		
Regulamentação, criminalização e sanções: prisão, multas, encerramento de contas	China, Peru, Vietnã, Índia, Malásia.	Ucrânia	
Esforços combinados de forte governança, regulamentação estrita, forte vigilância da comunidade, participação do cidadão e uso inteligente de *big data* e tecnologias digitais	China		
Estabelecimento de canais de comunicação oficiais em sites de redes sociais	Vietnã, Malásia.		República Dominicana
Atuação da agência policial no acompanhamento de casos, eliminação de informações falsas no ciberespaço e contato telefônico direto com cidadãos	Vietnã		
Uso efetivo da tecnologia da informação para informar o risco de infecção, sintomas de doenças, medidas de prevenção e áreas de alto risco	Vietnã		
Aplicação de Lei de gestão de desastre para bloquear a internet no país	Índia		
Contratação de empresa de telecomunicações	Índia		
Tentativa de impedir/censurar publicação de notícias sem a autorização do governo	China, Índia		
Desenvolvimento de estratégias para recuperar a confiança do governo junto a cidadãos		Espanha	
Contratação de cientistas sem carreira acadêmica para influir na produção do conhecimento para intervenção institucional		Espanha	
Líderes governistas buscaram influenciar cidadãos na construção de confiança e credibilidade de informações sobre COVID-19 mediadas em práticas comunicacionais	Malásia	Itália, Espanha, França	
Padronização de condutas de diagnóstico e tratamento para enfrentar prescrições médicas sem base científica	China, Malásia		República Dominicana
Monitoramento e verificação das notícias falsas	China, Índia		
Criação de plataformas refutadoras de notícias falsas	China		
Campanhas com publicação de notícias falsas para retificação e esclarecimento			Peru
Abordagens de redes digitais – parceria com Facebook e Twitter para identificação e remoção de notícias e de contas			Peru
Comunicação diária do MS com os meios de comunicação			República Dominicana
Medidas educativas incluídas nos currículos escolares			Peru
Degradação da ação comunicativa do governo			Equador, Brasil
Disseminação de informações falsas alimentaram a divergência política			Brasil
Acesso a informações com base científicas dificultado e promoção de informações falsas protagonizados pelo governo			Brasil
Falta de diretrizes para a população permitiu a disseminação de notícias falsas			Brasil
Comunicação oficial em desacordo com as diretrizes da OMS			Brasil
Medidas ignoram o perigo da crise para a saúde pública			Brasil

Recomendações para gestores

A partir das evidências produzidas preliminarmente, recomenda-se aos gestores e autoridades sanitárias:

- Transparência e regularidade na divulgação das informações;
- Utilização de canais de comunicação oficiais em sites de redes sociais;
- Monitoramento e verificação de notícias falsas;
- Utilização de plataformas refutadoras;
- Comunicação oficial em acordo com as diretrizes da OMS;
- Promoção regular de coletivas de imprensa com o porta-voz responsável pela interlocução com os veículos de comunicação;
- Estabelecimento de parcerias com a rede de comunicação do país;
- Desenvolvimento de campanhas de orientação, bem como promoção de medidas educativas para a população em geral, particularmente para estudantes;
- Promoção de práticas comunicativas educacionais para a população, profissionais de saúde, jornalistas e formadores de opinião;
- Participação da comunidade no planejamento e implementação de campanhas e implementação de ações educo-comunicativas em saúde.

Ademais, endossam-se as recomendações de peritos da União Europeia (BAPTISTA, 2020), no que tange ao aumento da transparência das notícias online e proteção da privacidade dos cidadãos; promoção do uso de tecnologia de detecção de notícias falsas; fortalecimento da cooperação entre *fact-checkers* (checadores de fatos) independentes, conforme proposto por diversos autores (BECKER et al, 2020; FONSECA et al, 2018; NUNES, 2014); aumento da literacia (letramento) midiática e equilíbrio da relação entre os meios noticiosos tradicionais e as plataformas online (a exemplo de Amazon, Facebook, Apple, Google e YouTube), que são os principais distribuidores de notícias falsas e desinformação, de acordo com Vasconcellos-Silva e Castiel (2020).

Referências

ALZAMORA, Geane. C.; BICALHO, L. A. G. . A dinâmica transmídia de *fake news* conforme a concepção pragmática de verdade. Matizes. 1, p. 109-131, 2019.

AMARAL, INES; SANTOS SOFIA JOSÉ. ALGORITMOS E REDES SOCIAIS A PROPAGAÇÃO DE FAKE NEWS NA ERA DA PÓS VERDADE. In: FIGUEIRA, JOÃO; SANTOS, SÍLVIO. As fake News e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, pp

BAPTISTA, CARLA. Digitalização, Desinformação e Notícia Falsa – Uma Perspectiva Histórica. In: FIGUEIRA, JOÃO; SANTOS, SÍLVIO. As fake News e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, pp 47- 62.

BECKER, Beatriz; MACHADO, Heitor; WALTZ, Igor Waltz; SANTOS, Beatriz; LAGO, Andréia. News Literacy: um antídoto contra a desinformação diante da pandemia da COVID-19. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 8, n. 1, p. 146-164, janeiro a julho, 2020.

DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, C. et al. Ética e pós-verdade. São Paulo: Brasiliense, p.10-45. 2017.

FONSECA, V. P. S.; FREITAS, F. ; GEHRKE, M. ; SEIBT, T. Jornalismo guiado por dados como ferramenta de fact-checking: uma experiência laboratorial. Comunicação & Inovação, 19, p. 67-83, 2018.

HARSIN, J. Post-Truth and Critical Communication Studies. Oxford Research Encyclopedias, Oxford, 2018.

MARINONI, Bruno e GALASSI, Vanessa. Aspectos da desinformação, capitalismo e crises. . In: MARTINS, Helena (Org) Desinformação Crise Política e Saídas Democráticas para as Fake News. São Paulo: Veneta, 2020, p. 22- 49.

MARTINS, Maria Helena. Muito além das *fake news* o problema da desinformação em meio à crise social. In: MARTINS, Helena (Org) Desinformação Crise Política e Saídas Democráticas para as Fake News. MARTINS, H. Apresentação. São Paulo: Veneta, 2020, p. 9-20.

NUNES, L. S. Literacia para a saúde e a conscientização da cidadania positiva. Revista de Enfermagem Referência, Série III (11 Supl.), p. 94-99. 2014.

POSETTI, J.; BONTCHEVA, K. Desinfodemia: Decifrar a informação sobre COVID-19. Resumo de Políticas. UNESCO, 2020. Disponível em: https://en.unesco.org/sites/default/files/disinfodemic_deciphering_covid19_disinformation.pdf Acesso em: 30 maio 2020.

RÊGO, Ana Regina e BARBOSA, Marialva. A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas. Rio de Janeiro: Maud, 2020.

SACRAMENTO, I.; SOARES, R. P. A. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. Matrizes, 14, p. 79-106, 2020.

SILVA, JUREMIR MACHADO DA. Fake News - A Novidade das Velhas Falsificações. In: FIGUEIRA, JOÃO; SANTOS, SÍLVIO. As fake News e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. p. 33- 46.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. A desinformação é uma indústria. In: MARTINS, HELENA (ORG) Desinformação Crise Política e Saídas Democráticas para as Fake News. Prefácio. São Paulo: Veneta, 2020, p.5- 7.

SPINELLI, Egle Muller; RAMOS, Daniela Osvald. Desordem Informacional no Ecossistema Digital das Eleições Brasileiras de 2018. In: FIGUEIRA, JOÃO; SANTOS, SÍLVIO. As fake News e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.(p. 199-222).

VASCONCELLOS-SILVA, P.R. e CASTIEL, L.D. COVID-19, As *fake news* e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. Cad. Saúde Pública. 36(7), e00101920. 2020

Equipe de pesquisadores/as responsável pelo conteúdo do texto:
Maria Ligia Rangel, Marcele Paim e Deivson Mendes.

Integrantes do grupo de pesquisa:
Maria Ligia Rangel, Marcele Paim, Catharina Matos, Deivson Mendes e Raphael Sande.

PROJETO ANÁLISE DE MODELOS E ESTRATÉGIAS DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE DA PANDEMIA DA COVID-19 (2020-2022)

Coordenação Geral do Projeto: Isabela Cardoso de M. Pinto

Colegiado Gestor: Carmen F. Teixeira; Isabela C.M. Pinto; Jairnilson Silva Paim, Ligia Maria Vieira da Silva, Luís Eugenio Portela de Souza, Rosana Aquino, Glória Teixeira, Mariluce Karla Bomfim de Souza, Marcelo Castellanos, Ligia Rangel, Monique A. Esperidião e Marcele Paim.

Pesquisadores: Acácia Lima, Ademar Arthur C. Reis, Alain Coulon, Ana Cristina Souto, Ana Flávia Cruz, Ana Luiza Vilasboas, Ana Maria Teixeira, Ana Paula dos Reis, Angélica Menezes, Áurea Paste, Bianca Maria Santos da Paz, Bruno Guimarães, Caio Castro, Camila Bulcão, Catharina M. Soares, Ceuci Nunes, Cleber Cremonese, Cristiane Abdon, Denise Nogueira Cruz, Ediná Costa, Ednir Souza, Eliana Auxiliadora Magalhães Costa, Erica Bowes, Erick Lisboa, Erika Aragão, Estela Aquino, Gisélia Santana Souza, Gerluce Alves Pontes, Iracema Viterbo, Jamacy Costa Souza, Janete Castro, Joilda Nery, Júlia Pescarini, Kátia Medeiros, Laise R. Andrade, Liliana Santos, Lívia Silva Angeli, Lucas Bottcher, Manoel Barral Netto, Márcia Costa, Marcio Natividade, Maria Clara Guimarães, Maria da Conceição N. Costa, Maria Guadalupe Medina, Monica Angelim, Morena Rezende, Natália Tavares, Patricia Sodré Araujo, Rosana Lopes, Sandra Garrido de Barros, Shirley Cruz, Silvana Vieira, Sisse Santana, Sônia Chaves, Soraya Belisário, Tania França, Thadeu Borges Santos, Thais Regis Aranha Rossi, Viviane Oliveira, Yara Oyram e Zulmira Hartz.

Equipe de Comunicação: Diego Corrêa, Egberto Siqueira, Gilson Rabelo, Inês Costal, Patrícia Conceição, Robério Lopes e Sérgio Santana.

Instituições Parceiras: Centro de Integração de Dados e Conhecimentos em Saúde (Cidacs/IGM/Fiocruz-Ba), Centro de Pesquisa Aggeu Magalhães/Fiocruz, Instituto Couto Maia, Instituto de Física (UFBA), Instituto de Medicina Social (IMS/UERJ), Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Nova de Lisboa.

CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
UFBA Universidade Federal da Bahia
Instituto de Saúde Coletiva UFBA
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES
MINISTÉRIO DA SAÚDE
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL